"NÓS SOMOS BRASILEIROS VIVOS": IRACEMA DE ALMEIDA, RAÇA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SÃO PAULO (DÉCADA DE 1970)

Rafael Petry Trapp[1]

Resumo

O presente artigo objetiva analisar aspectos da história do Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros ao longo da década de 1970. O GTPLUN, sob a liderança de médica Iracema de Almeida (1925-2005), foi uma das mais importantes entidades do movimento negro em São Paulo no período. Iracema, primeira médica negra formada pela Escola Paulista de Medicina, nos anos 1930, e pioneira nos estudos da anemia falciforme no Brasil, foi representante desses universitários e profissionais liberais afro-brasileiros de classe média que realizou um amplo trabalho educativo de profissionalização do negro e de valorização da herança cultural africana em São Paulo.

Palavras-chave: Iracema de Almeida. Raça. Educação profissionalizante. Regime Militar.

Abstract

This article aims to explore and analyze aspects of the history of the Working Group of Black Academics and Liberal Professionals throughout the 1970s. The GTPLUN, under the leadership of Iracema de Almeida (1925-2005), was one of the most important groups of the Black Movement in São Paulo in the period. Iracema, the first black doctor graduated from the Paulista School of Medicine in the 1930s, and a pioneer in the studies of sickle cell disease in Brazil, was a representative of these Afro-Brazilian academics and liberal professionals of the middle class who carried out an educational work on the professionalization of Blacks and promotion of African cultural heritage in São Paulo.

Keywords: Iracema de Almeida. Race. Professional education. Military Regime.

Introdução

O presente artigo objetiva revisitar aspectos da história do Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros (GTPLUN) na década de 1970, na cidade de São Paulo. O GTPLUN, sob a liderança de Iracema de Almeida (1925-2005), foi uma das mais importantes entidades do movimento negro na capital paulista nos anos 1970-80. Iracema, primeira médica negra formada pela Escola Paulista de Medicina, na década de 1930, pioneira nos estudos da anemia falciforme no Brasil, foi líder desse grupo de

[1] Professor substituto na UNEB e na UFOB, em Barreiras (BA). Doutor em História pela UFF. E-mail: rafaelpetrytrapp@gmail.com. Pesquisa realizada com o apoio da FAPERJ.

universitários e profissionais liberais afro-brasileiros que realizou um importante trabalho de profissionalização do negro e de valorização da herança africana em São Paulo.

Pretendemos identificar o papel histórico de Iracema frente à comunidade negra de São Paulo entre os anos 1960-80 e pensar a experiência histórica do ativismo negro no Brasil em suas contradições, complexidade e diversidade. Queremos ainda apresentar algumas questões e lacunas historiográficas, para construir um plano de trabalho.

Este pesquisa prospectiva foi realizada de forma paralela ao doutorado em História (UFF, 2018) sobre o pensamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira[2], no curso do qual – em entrevista com o professor e ativista negro Henrique Cunha Jr. (outubro de 2015) – os nomes de Iracema e do GTPLUN apareceram. Tivemos acesso a novas fontes, como parcela do acervo do GTPLUN, entre outras documentações. Todavia, por ainda não haver, no estágio atual da pesquisa, uma sistematização dessa documentação, preferimos não incluí-la. Um exame mais completo dessas fontes será objeto de trabalho futuro.

Iracema de Almeida e o GTPLUN

O GTPLUN surgiu em 1972, na cidade de São Paulo. Ivair Augusto Alves dos Santos, cientista político e ativista do movimento negro brasileiro, informa que este grupo era formado "quase que exclusivamente [por] universitários e profissionais liberais, [tendo] a sua orientação voltada para uma integração do negro na sociedade" (SANTOS, 2005, p. 56). Seus membros eram, como o nome evidencia, universitários e profissionais liberais negros que, apesar de sua formação acadêmica e posição socioeconômica, permaneciam alvos de discriminação racial, mesmo na relativamente dinâmica sociedade paulistana dos anos 1970. O panorama permeado pelo racismo mantinha essa população negra universitária e de classe média, para usar os termos de Florestan Fernandes, em uma situação problemática no processo geral de integração à sociedade de classes (1964).

Assim, de modo semelhante a outras entidades negras, como a Associação Cultural do Negro (SILVA, 2012), também de São Paulo, o GTPLUN dedicou-se a "campanhas de assistência à comunidade, incentivo à profissionalização de jovens, promovendo cursos de atendentes de enfermagem e principalmente enaltecendo valores culturais do continente

[2] Cf. TRAPP, Rafael P. **O Elefante Negro**: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil. São Paulo: Alameda, 2019 [no prelo].

africano” (SANTOS, 2005, p. 56-7). Santos entrevistou um dos fundadores da entidade, o ativista negro Antônio Leite, cujo relato transcrevemos abaixo:

> [...] a gente queria um algo mais que era que a comunidade negra, o grupo étnico negro, tivesse, de fato, representantes de peso que fossem respeitados aos olhos da sociedade e, quando houvesse uma ação mais dura, digamos da política, chegasse na Secretaria, no Governo e tivesse peso. [...]. Aí, começamos a procurar a Iracema de Almeida, ginecologista da Vila Prudente. Conhecemos o Carlos Augusto Rocha, engenheiro [...]. Era uma pessoa conceituada e muito inteligente. Fomos atrás dele e ele sugeriu a Iracema, uma médica de quem todo mundo falava bem. Ela era médica do INPS e tinha um consultório. Discutimos muito lá e surgiu o GTPLUN [...], em 1972. [...] O único que não era universitário era eu. Ser universitário já era uma forma de mostrar que a gente tinha universitários. Isso dava status. Eu não era, mas era empresário. (LEITE apud SANTOS, op. cit., p. 57).

Ser universitário era, com efeito, uma maneira de, para mais além da ascensão socioeconômica e da distinção pessoal, posicionar-se socialmente ante um ambiente hostil, que negava pela discriminação racial a humanidade do negro enquanto sujeito apto a ocupar espaços simbólicos de poder e conhecimento, tais como a Universidade e profissões liberais. Antonio Leite narra, também, o processo através do qual Iracema de Almeida veio a juntar-se ao grupo que formou o GTPLUN. Ela, porém, não apenas “juntou-se”: tornou-se, na realidade, a figura mais importante e conhecida desta organização negra.

As informações são rarefeitas. Tem-se notícia, contudo, de que nos anos 1920 a jovem Iracema dedicava-se aos estudos musicais – piano – em um conservatório na cidade de São Paulo, e que, entre os anos 1930-40, em data ainda ignorada, foi a primeira médica negra a se formar na Escola Paulista de Medicina (atual Escola de Medicina da UNIFESP), fundada em 1933. Em uma entrevista, em 1980, ela discorreu sobre aspectos de sua vida. Referindo-se a suas origens familiares, disse: “Minha avó por parte de pai era lavadeira e por parte de mãe era cozinheira e a partir daí todos foram profissionalizados: chapeleira, costureira, meu avô, tintureiro, então nós estivemos num meio assim com um pouco mais de conhecimento” (ALMEIDA, 1980, p. 4). O contexto familiar a favoreceu, mas a fatura da ascensão econômica lhe foi cobrada insidiosamente também em termos sociais e psicológicos, como ela dá a entender na mesma oportunidade:

> [...] a minha vida foi fácil, porque meu estado emocional foi pior do que se vivesse no meio do negro pobre. No meio dos negros nós não teríamos o dia todo

> a agressão que senti e que vivia num *meio* que não me aceitava e que a toda hora me lembrava que ali não era aquele o meu lugar (ALMEIDA, 1980, 4).

Iracema não precisa que meio seria esse, mas não seria despropositado supor que fosse o ambiente da própria Escola Paulista de Medicina, ou mesmo entre a corporação médica pelos locais onde ela porventura tenha trabalhado nas décadas seguintes. Apesar de tudo, ela tinha seu próprio consultório na Vila Prudente, Zona Leste de São Paulo. Especializou-se em obstetrícia, ginecologia e cardiologia[3], e, se atuou como médica do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), como diz Antonio Leite, o foi depois de 1966, ano de criação do INPS. Em 1972, assumiu o GTPLUN com grande entusiasmo.

O GTPLUN tinha sede na Vila Prudente, São Paulo, e possuía razoável infraestrutura. Entre 1973 e 1978, teve "[...] mais de 1500 pessoas formadas por [...] cursos de auxiliar de enfermagem, datilografia, etc." (ALMEIDA, 1980, p. 5). O historiador norte-americano Robert Levine (1980, p. 60) dimensiona: "[...] Um grupo de 200 profissionais negros brasileiros [...] voltados para o melhoramento de serviços sociais e treinamento/instrução, principalmente para a população pobre e não-branca – em São Paulo e nos arredores". Sabe-se também que o GTPLUN atuou junto à antiga Secretaria de Bem-Estar Social do Município de São Paulo, ao menos entre 1973 e 1985, em parceria com o programa de Formação Rápida de Mão de Obra[4]. Iracema é enfática no sentido de que "um ponto importante para todos nós é o mercado de trabalho, é a profissionalização, a melhoria de nível econômico do negro" (ALMEIDA, 1980, p. 6). Ela prossegue:

> Isso só se pode realizar pela profissionalização, isso deveria ser o ponto em comum a todas entidades negras, se não puder, pelo menos exacerbar na sua igreja, no centro de candomblé, em qualquer lugar uma escola profissional, uma sala, uma classe profissional, aí dar condições de conseguir a melhoria do negro,

[3] Iracema de Almeida foi uma das pioneiras nos estudos de anemia falciforme no Brasil, atividade em razão da qual viajou para os Estados Unidos e a Jamaica. Em uma entrevista, em 08 jun. 1990, ela diz: "Então eu falei: mas eu preciso saber como fazer com a anemia falciforme. Eu não sei o que vou fazer com essa anemia falciforme. Então, vou estudar. Estudei. Fiz a localização aqui nas Américas. Na América do Norte muito, e isso eu senti quando estive lá. Queria sentir um lugar mais perto: Caribe. Depois fui para a Jamaica sozinha […]. Quando cheguei na Universidade de Kingston comecei a olhar, comecei a sentir a Universidade, que eu notei o que eu podia fazer aqui; o que deveria ser feito". **Entrevista de Iracema de Almeida para Miriam Ferrara**. Acervo de Clóvis Moura, CEDEM-UNESP, São Paulo, Caixa Entrevistas, n. 15, p. 10.

[4] A **Folha de São Paulo**, em 15 de outubro de 1973 (p. 7), informa: "O Secretário do Bem Estar, prof. Henrique Gamboa, agradeceu a colaboração que vem recebendo do GTPLUN, especialmente no que tange ao FORMO – Formação Rápida de Mão-de-Obra [...]".

> começando do chão, porque de longe não vai adiantar nada, então nós temos que puxar a camada de baixo [...]". (ALMEIDA, 1980, p. 6).[5]

Seu pensamento estava em consonância, portanto, com uma tradição do ativismo negro em se dedicar à melhoria da condição social do negro através da instrução formal. Todavia, o GTPLUN, além de seus cursos profissionalizantes, também prestou especial importância à promoção da cultura africana e à própria África em si.

Santos (2005, p. 61) informa que o grupo "tinha como uma das suas atividades o relacionamento com as embaixadas africanas e uma preocupação em divulgar os estudos sobre a África no período pré-colonial". Henrique Cunha Jr., em conversa conosco, disse que Iracema possuía a maior biblioteca sobre África em São Paulo nos anos 1970[6]. Sabemos sobre ao menos um curso do GTPLUN sobre história africana, realizado na Câmara de São Paulo, em 1979[7]. Na próxima página, uma rara imagem de Iracema.

Figura 1 – Iracema de Almeida (circa 1970).
Fonte: OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo/Brasília: Ministério da Justiça, 1998, p. 134.

[5] O "de longe" se refere, nessa entrevista, a Abdias do Nascimento, que na época havia recém voltado dos Estados Unidos. Ele é alvo de ácida crítica por parte de Iracema.
[6] Informação concedida por Henrique Cunha Jr. Entrevista para o autor, 02 out. 2015.
[7] Em 1979, a Câmara Municipal de São Paulo promoveu Moção de Homenagem a Iracema de Almeida: "[...] ela organizou nas dependências desta Edilidade um 'Ciclo de Palestras' sobre a África Pré-Colonial, que se iniciou em 28/10/79 e vai até 02/12/79, para a qual [sic] foram convidados a participar vários professores e historiadores de renome, com a palestra inaugural proferida pelo ex-Deputado Estadual, e ex-Prefeito de Santos, Doutor Esmeraldo Tarquínio". CÂMARA Municipal de São Paulo. **Moção n. 126, de 22 nov. 1979**. São Paulo: Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 22 nov. 1979, p. 2. Ela (1980, p. 5) relata: "Atualmente estamos preparando o 3º Curso de África Pré-colonial, que acho de suma importância pra gente [...]".

Cartografias do político

Iracema notabilizou-se pelo trânsito que possuía com diplomatas e embaixadores africanos. Exemplo disso pode ser visto nas comemorações do primeiro aniversário do GTPLUN, em 14 de outubro de 1973, no Largo do Japonês, em São Paulo, em que compareceram os embaixadores da Nigéria, de Gana e da Costa do Marfim. A efeméride foi aberta pelo campeão olímpico negro Adhemar Ferreira da Silva, que fora adido cultural na embaixada brasileira em Lagos, Nigéria, entre 1964 e 1968, e que na ocasião trabalhava na Secretaria de Promoção do Bem Estar do Estado de São Paulo[8]. Adhemar diz que uma das preocupações de Iracema "era colocar negros no Itamaraty. Então ela facilitava, do seu próprio bolso, os estudos para que os negros pudessem galgar posições diplomáticas. E ela sempre foi combatida" (2000, s.p.)[9]. Não sabemos dizer que resistência era essa, mas é patente que ela estava envolvida com figuras públicas e do mundo da política.

Em 11 de outubro de 1976, o GTPLUN organizou, na Câmara de Vereadores de São Paulo, uma sessão solene em comemoração ao chamado "Dia da Promoção Humana", que o grupo costumava celebrar em 11 de outubro. Fizeram-se presentes enviados das embaixadas de Gana, do Quênia, da Índia e do Zaire – sendo este último país representado por Kabengele Munanga, que na época fazia doutorado em Antropologia na USP. Também estava presente Theodosina Ribeiro, que foi, em 1970, a primeira vereadora negra de São Paulo, e, em 1974, a primeira deputada negra do estado. Iracema proferiu um discurso que merece atenção. Ela começa sua fala evocando a presença espiritual dos ancestrais africanos, e diz: "Estamos aqui reunidos [...] para a tomada de uma decisão: a participação e integração do afro-brasileiro". Estar-se-ia diante de um "intricado problema, uma nebulosa que não se consegue ver", uma "doença social". Ainda em suas palavras:

---

[8] Para saber mais sobre a política diplomática brasileira com relação aos países africanos no período, inclusive a passagem de Adhemar pela Nigéria, conferir: DÁVILA, Jerry. **Hotel Trópico**: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

[9] SILVA, Adhemar Ferreira da. **Entrevista** (concedida em dezembro de 2000). Disponível em: <http://www.portalafro.com.br/entrevistas/adhemar/entrevista>. Acesso em: 22 nov. 2016. Exemplo dessa atitude está em depoimento de Hamilton Bernardes Cardoso, um dos mais importantes intelectuais e ativistas do movimento negro em São Paulo nos anos 1970, que se lembra de Iracema como uma das pessoas que o ajudou a custear seus estudos: "A Dra. Iracema de Almeida deu-me o primeiro empurrão [...]. Ela pagou matrícula da faculdade". CARDOSO, Hamilton B. A ostra e a pérola fina. **Revista Eletr. Partes**, ano I, n. 2, maio 2000. Disponível em: <http://www.partes.com.br/ consciencia_02.html>. Acesso em: 23 nov. 2016.

> Nós não somos mais “fôlego vivo”; nós somos e dizemos com muito orgulho e responsabilidade: nós somos brasileiros vivos.
>
> Não queremos mais, queremos o igual. G.T.P.L.U.N. está vigilante, fará soar os atabaques de Norte a Sul, de Leste a Oeste, clamando pela integração e participação do afro-brasileiro.
>
> G.T.P.L.U.N. é um vigilante da Segurança Nacional.
>
> Um povo só é realmente um povo quando constitui um todo harmônico, coerente e puro. G.T.P.L.U.N. “cochila, mas não dorme” – a integridade do grande gigante é uma de suas metas.
>
> A Segurança Nacional é o seu eterno objetivo.
>
> Senhores, G.T.P.L.U.N. agradece, G.T.P.L.U.N. reparte. (ALMEIDA, 1976, p. 76).

A “doença social” se nos afigura, na atualidade, muito evidente: é o racismo, mas ela não usa a palavra – ao menos não nessa fala. E nem poderia, pois o tema estava interditado publicamente, fruto da pressão que a Ditadura impunha àqueles que se propusessem a discutir e apoiar medidas de transformação quanto aos problemas e questões sociais – e raciais. Essa atmosfera de franca violência política, que afetava diretamente o debate acerca do racismo, era produto, em parte, da Doutrina de Segurança Nacional, radicalizada no Brasil desde 1968, com o AI-5, e que pressupunha o combate ao “inimigo interno” – leia-se oposição ao regime – ou àquilo que pudesse ameaçar a coesão social desejada e imaginada pelos militares. Sendo assim, parece intrigante a defesa de Iracema do GTPLUN como “vigilante da Segurança Nacional” e paladino da harmonia, coerência e pureza do povo brasileiro constituído. O que significaria “Segurança Nacional”? Que estranha posição assumia a presidente do GTPLUN entre mundos e perspectivas políticas tão discrepantes? Essa estranheza se dissipa, de certa forma, quando ficamos sabendo que Iracema havia sido candidata, em 1968, à vereança de São Paulo pela Aliança Renovadora Nacional, a ARENA. Este era o partido situacionista criado em 1965 para dar sustentação e um verniz de legitimidade política ao Regime Militar. A oposição, por sua vez, era representada pelo Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. O GTPLUN, de acordo com os relatos de que dispomos, seria um movimento sintonizado mais à direita do espectro político àquele tempo. Henrique Cunha Jr. assinala o seguinte:

> Dentre os diversos grupos participantes do movimento negro, alguns eram denominados de direita por dois motivos. Em algumas entidades as suas lideranças eram filiadas a ARENA, partido político da ditadura militar. Noutros casos, membros desses grupos haviam cursado a Escola Superior de Guerra, o que também era entendido como designação de direita. (CUNHA JR, 2003, p. 52).

No que diz respeito à ligação com a ARENA, temos a confirmar estas palavras apenas o fato de que Iracema foi lançada candidata, como informa o jornal *Folha de S. Paulo*, em 1968: "Há apenas duas mulheres candidatas a vereança em São Paulo, mas uma delas não está legalmente registrada, pois o MDB conseguiu impugnar a sua candidatura: e Iracema de Almeida, da ARENA"[10]. Os motivos da impugnação nos são desconhecidos[11]. Santos (2005, p. 83) considera ainda que a "ARENA contou com o apoio de figuras importantes da comunidade e de entidades como o GTPLUN, a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens de Cor, Brasil Jovem, além de diversas escolas de samba, equipes de baile e outros". Ademais, a evidência de haver membros desses grupos – possivelmente do GTPLUN – formados pela Escola Superior de Guerra, criada no Rio de Janeiro em 1949, talvez seja uma pista para entender o posicionamento de Iracema nesse discurso quanto à questão da "Segurança Nacional", pois a Doutrina de Segurança Nacional foi gestada precisamente neste local. É evidente que essa é apenas uma única fala, protagonizada em um ambiente marcadamente específico, que era o de uma plateia formada por autoridades públicas, basicamente. Mesmo que se tratasse do avançado ano de 1976, já nos estertores da fase mais dura do regime, ela talvez estivesse, em parte, "dançando conforme a música", em nome de um pragmatismo que, através de contratos com o Poder Público, por exemplo, mantivesse o GTPLUN em funcionamento em uma dimensão mais expressiva.

Apesar disso, em 1977, o grupo sofreria duro revés por parte do Regime Militar. Neste ano o GTPLUN recebera verba de 40.000 dólares da Inter-American Foundation (IAF), agência norte-americana de fomento, para a aquisição de uma sede permanente. O documento da IAF detalha as razões para o financiamento:

> Quando a discriminação racial impede a entrada integral de um grupo na vida econômica de um país, torna-se necessário formar estratégias de penetração. A Fundação Inter-americana respeita a escolha do GTPLUN de um ritmo de desenvolvimento que enfatiza um progresso gradual atingido nesse caso através da consciência cultural e de treinamento profissionalizante. A aquisição da sede parece ser o próximo passo natural nesse processo, pois oferece um local tangível para as atividades do GTPLUN. (IAF apud PEREIRA, 2013, p. 154).

---

[10] Entre as previsões e as esperanças, os candidatos. **Folha de S. Paulo**, 10 nov. 1968, p. 3.

[11] Contrariamente à sua vontade, Iracema teria concorrido à vaga sob o apelo e influência de Theodosina Ribeiro e do deputado negro Adalberto de Camargo (1923-2008). Informação concedida por Raphaella Reis, neta de Iracema de Almeida, em conversa pelo Facebook, em 25 nov. 2015.

O fato de esta entidade perfazer o rol de beneficiados da IAF demonstra a sua importância naquele contexto e também o trânsito e influência provável de Iracema junto a organismos internacionais. Entretanto, os militares, sob o governo de Ernesto Geisel (1974-79), não viram com bons olhos esta cooperação, pois a IAF declarava abertamente a existência de um "problema racial" no Brasil – problema então ainda peremptoriamente negado pelo Estado –, e acabaram por suspender a verba e as atividades da IAF no Brasil (PEREIRA, 2013). Isso é indício de que as relações de proximidade entre o GTPLUN e o Regime Militar, embora inegáveis, pudessem ser possivelmente tensas e ambíguas.

Por fim, outra evidência desses relacionamentos foi encontrada em um fragmento da tese – não concluída – em Sociologia na USP do sociólogo negro Eduardo de Oliveira e Oliveira (1924-80), *História e Consciência de Raça*, de 1978, na qual ele apresentava uma comparação interessante. Ao identificar nos movimentos afro-americanos uma genealogia da negritude, como o Movimento Niágara, do início do século XX, liderado por Du Bois, ele traça um paralelo entre a história das lutas políticas afro-brasileiras dos anos 1970 e a reação que essas lutas provocavam na postura do Estado, no Brasil e nos Estados Unidos.

Dois personagens brasileiros são citados. Um deles era Abdias do Nascimento:

> W.E.B. Du Bois, distante no tempo e no espaço, idealizador do I Congresso Pan-Africano, em 1921, tem seu epígono no brasileiro Abdias Nascimento, que vem desenvolvendo uma luta pan-africanista, tendo sido mesmo o primeiro brasileiro negro que compareceu a um tal evento, isto por ocasião do V Congresso Pan Africano, realizado em Dar Es Salam em 1974, e que, não por coincidência, tem tido sorte um pouco semelhante ao do líder norte-americano a nível de Estado" (OLIVEIRA, circa 1978, p. 4).

A sorte de Abdias ligava-se à perseguição que havia sofrido pela delegação oficial brasileira no Festival de Artes e Culturas Negras, em Lagos, Nigéria, em 1977, fortuna similar à que atingira Du Bois, quando este, acossado pelo Governo Americano nos EUA, muda-se para Accra, Gana, em 1961, onde viria a falecer em 1963, aos 95 anos.

A outra pessoa mencionada neste esboço era uma crítica contundente de Abdias: ninguém menos que Iracema de Almeida. Nas palavras de Oliveira:

> Assim, quando nos Estados Unidos surge um Booker T. Washington, com a proposta de organizar a educação do negro, para que através dela, supostamente

> ele se integra à sociedade de classes, terá o apoio difícil do govêrno, na época Theodore Roosevelt, da mesma forma que, em proporções muito menores, e de maneira infinitamente menos significativa, o grupo paulista G.T.P.L.U.N. (Grupo de Trabalhos Profissionais e Liberais Universitários Negros) terá, de forma discreta, o beneplácito do Govêrno Federal, que acredita na possibilidade, em última instância, da formação, através desse Grupo, de pessoal qualificado capaz de preencher os quadros negros para fazer frente à política racial brasileira na África, proposta esta, entre outras do programa do próprio grupo, este dirigido pela médica Iracema de Almeida, com passagem pela Escola Superior de Guerra (OLIVEIRA, circa 1978, p. 2-3).

As afirmações do sociólogo, se verdadeiras, abonam conjecturas anteriormente levantadas acerca do alcance das atividades do GTPLUN e dos trânsitos políticos de Iracema no Governo Federal e mesmo na alçada da política externa[12]. Abdias do Nascimento para W. E. B. Du Bois como Iracema de Almeida para Booker T. Washington: o jogo de analogias atualiza percepções de Oliveira sobre identificações ideológicas – além do evidente reconhecimento da importância de Abdias e de Iracema – e ajuda a entender a dinâmica das diferentes abordagens da política de raça em voga no Brasil na década de 1970. Todavia, essa é uma questão, apesar de instigante, para outras pesquisas.

Considerações finais

As mencionadas relações são, na realidade, desconhecidas em profundidade, assim como o são as histórias de outros grupos, como o Aristocrata Clube, com quem o GTPLUN compartilhava grande parte de seus membros[13], mas também as trajetórias de políticos afro-brasileiros dos anos em 1970, como as da já citada Theodosina Ribeiro, bem como de seu mentor e padrinho político, Adalberto de Camargo, eleito deputado federal negro, em 1966, e uma das figuras públicas negras mais importantes em São Paulo e no Brasil nos anos 1970 – ambos, aliás, importantes interlocutores de Iracema[14].

Além dessas histórias e trajetórias, a escassa produção acadêmica sobre o GTPLUN deve provavelmente ser fruto da falta provisória de fontes, mas perguntamos se o

---

[12] Sobre a política externa do Brasil para a África neste contexto, cf. DÁVILA, op. cit., 2011.

[13] Informação concedida por Raphaella Reis (neta de Iracema), em conversa pelo Facebook, 23 nov. 2016.

[14] Para aspectos da trajetória de Adalberto de Camargo, conferir: VALENTE, Ana L. E. F. **Política e relações raciais**: os negros e as eleições paulistas de 1982. São Paulo: FFLCH/USP, 1986; RIOS, Flavia Mateus. **Elite Política Negra no Brasil**: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado. Tese (Doutorado em Sociologia) – FFLCH-USP, São Paulo, 2014, p. 105-16.

ostracismo que cerca a história desse grupo, ao menos por parte da historiografia especializada, não se deve a suas ligações com o controverso mundo da política nos anos 1970[15]. Trata-se de um campo histórico aberto para a pesquisa.

Iracema retirou-se da vida pública em meados do início da década de 1990, por volta do mesmo período em que também o GTPLUN saía de cena. Ela faleceu em 2004, em São Paulo[16]. Trouxemos em breves e provisórias páginas aspectos de sua trajetória e do grupo que levava consigo para apresentar uma dimensão importante e esquecida do movimento negro em São Paulo nos anos 1970. Este trabalho é provisório e pode, a partir do contato com novas fontes, informações e perspectivas de abordagem teórico-metodológica, ser repensado, fazendo emergir novas perguntas e problemáticas.

Referências

ALMEIDA, Iracema de. Entrevista. **Jornegro**, São Paulo, ano 3, n. 10, p. 4-6, 1980.

CUNHA JR., Henrique. Movimento de consciência negra na década de 1970. **Revista Educação em Debate**, ano 25, v. 2, n. 46, p. 47-54, 2003.

DÁVILA, Jerry. **Hotel Trópico**: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. SP: Ática, 1978. V. 1 e 2.

LEVINE, Robert M. **Race and ethnic relations in Latin America and the Caribbean**. Metuchen: Scarecrow Press, 1980.

OLIVEIRA, Eduardo de (Org.). **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro; Brasília: Ministério da Justiça, 1998.

[15] Na chamada da entrevista ao **Jornegro**, ela é descrita, apesar do tom respeitoso do entrevistador (não identificado), como uma pessoa controversa no meio negro: “[...] médica, estudiosa da cultura africana pré-colonial [...], além de mãe dedicada, apenas para citar algumas de suas inúmeras atribuições. Nossa intenção ao procurarmos a Dra. Iracema de Almeida para dar seu depoimento era apresentar às pessoas uma imagem real de uma personagem considerada controversa dentro da comunidade [...]”. **Jornegro**, op. cit., p. 4.

[16] Em 2005, Iracema foi homenageada postumamente pela então Secretaria Especial de Promoção de Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR). De acordo com as palavras de sua neta Raphaella Reis: “É importante que minha avó seja lembrada, porque sua história caiu no esquecimento. Apesar de ter dedicado sua vida à saúde e valorização da cultura e da história negra”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/seppir/informativos/048.htm>. Acesso em: 01 dez. 2016.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. **História e Consciência de Raça** (esboço de capítulo de tese), circa 1978, p. 4. São Carlos, Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.

PEREIRA, Amilcar A. **O Mundo Negro**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SANTOS, Ivair A. Alves. **O Movimento Negro e o Estado**: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo (1983-1987). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-graduação em Ciência Política, UNICAMP, Campinas, 2005.

SILVA, Mario Augusto Medeiros: Fazer História, Fazer Sentido: Associação Cultural do Negro (1954-1964). **Lua Nova**, São Paulo, n. 85, p. 227-232, 2012.

TRAPP, Rafael P. **O Elefante Negro**: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil. São Paulo: Editora Alameda, 2019 [no prelo].